

Histórias, lutas e resistência pela educação escolar indígena: um olhar sobre a escola Tekahayne do povo Shanenawa

Histories, struggles and resistances to indigenous school education: a look on the Tekahayne School of the Shanenawa People

Maria Abijicélia Brandão da Silva Shanenawa

Universidade Federal do Acre

Shelton Lima de Souza

Universidade Federal do Acre

Resumo: Este trabalho é sobre as histórias, os processos de lutas e as resistências pelas quais passaram sujeitas e sujeitos do povo Shanenawa para terem em seu território o direito à educação indígena e, mais particularmente, a uma escola na aldeia Morada Nova da Terra Indígena Katukina/Kaxinawa na cidade de Feijó/AC. Por meio de procedimentos metodológicos de pesquisa de base qualitativa com técnicas de entrevistas, desenvolveu-se o objetivo geral deste artigo que é analisar os traços referentes às histórias, às lutas e às formas de resistências para o desenvolvimento de educação indígena em contexto Shanenawa até o surgimento da escola Tekahayne. Alguns resultados da pesquisa-base deste trabalho mostram que a consciência sobre educação indígena em território Shanenawa se deu por meio da valorização dos saberes culturais produzidos pelos indígenas anciãos do povo que, por meio de novas gerações, construíram novas compreensões sobre o que seja educação e, nesse sentido, produziram os saberes em contexto Shanenawa que foram fundamentais para o desenvolvimento da escola Tekahayne na aldeia Morada Nova na referida Terra Indígena.

Palavras-chave: Educação Indígena; Histórias; Lutas; Resistências; Povo Shanenawa; Escola

Abstract: This paper is about the histories, the processes of struggle and the resistance that the Shanenawa people went through to have the right to indigenous education in their territory and, more particularly, to a school in the Morada Nova Village of the Katukina/Kaxinawa Indigenous Land in the Feijó City/Acre. Through methodological procedures of qualitative-based research with interview techniques, the general objective of this article was developed, which is to analyze the traits referring to the stories, struggles and forms of resistance for the development of indigenous education in the Shanenawa context until the emergence of the Tekahayne school. Some results of the basic research of this work show that awareness about indigenous education in Shanenawa territory occurred through the valorization of cultural knowledge produced by the indigenous elders of the people who, through new generations, built new understandings about what education and , in this sense, produced knowledge in the Shanenawa context that was fundamental for the development of the Tekahayne school in the Morada Nova village in the aforementioned Indigenous Land.

Keywords: Indigenous education; Stories, Struggles; Resistances; Shanenawa People; School

Submetido em 15 de junho de 2024.

Aprovado em 15 de julho de 2024.

1 Introdução

A foto abaixo representa um dos momentos da festa de comemoração da Aldeia Shanenawa, localizada na Br 364 sentido Feijó/Tarauacá, na terra Indígena Katukina/Kaxinawa, estado do Acre. Nela, os representantes de todas as aldeias do povo Shanenawa¹ estavam juntos, comemorando os anos de fundação e de demarcação da referida Terra Indígena. A partir da imagem vinculada na Imagem 1, destacamos que este artigo tem como objetivo analisar os traços históricos que impactaram a trajetória do povo Shanenawa no município de Feijó no estado do Acre, na conquista da educação escolar indígena Shanenawa, como também, a conquista da primeira escola Shanenawa até a formação da escola do povo Shanenawa na aldeia Morada Nova na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa na cidade de Feijó.

Imagem 1 - Momentos de Festa do Povo Shanenawa



Fonte: Matsiani Shanenawa

Nesse sentido, apresentamos, ao longo deste texto, questões sócio-históricas concernentes à formação do território Shanenawa, assim como a história de lutas e de resistência dos Shanenawa e de outros povos indígenas do estado do Acre em que afirmamos que o povo Shanenawa para se consolidar como um povo indígena

¹ Ao todo são quinze aldeias Shanenawa situadas na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa: Paredão, Nova Vida, Shaneyhu, Ni shuvini, Morada Nova, Shanenawa, Cardoso, Shane Kaya, Shane Tatxa, Ayani, Quarenta, Vitória, Dois irmãos, Coração da Floresta e Xinã Xara. Este trabalho destaca a aldeia Morada Nova, por ser considerada uma das primeiras a ser formada e por ser uma das primeiras a ter uma escola com o Ensino Básico a ser ofertado aos estudantes do povo Shanenawa.

reconhecido passou por períodos de lutas, de resistências a diferentes formas de opressões, obtendo conquistas para existirem e manterem suas diferentes formas de conhecimento.

1.1 Aspectos metodológicos

Os aspectos metodológicos de minha dissertação se dá por meio de pesquisa qualitativa, com procedimentos de análise de textos, ou seja, uso tanto os livros, quanto registros orais e técnica de entrevistas para fundamentar a reflexão da prática pedagógica das professoras Shanenawa com as quais dialoguei.

Na pesquisa de campo, realizei entrevistas a partir de perguntas abertas que tinham relação com questões biográficas em relação a aspectos de profissionalização docente das professoras Yxãpanã, Maxi Fake e Sheki Teshke. As entrevistas com essas professoras foram realizadas durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2023. Esses meses têm relação especificamente com o momento em que, sistematicamente, as entrevistas foram realizadas, tendo em vista que o contato com as professoras, em que falei sobre a minha proposta de pesquisa e o momento em que aceitaram participar do meu trabalho, se deu no ano de 2022. No ano anterior, além de estarmos sofrendo com a pandemia pela Covid 19 – várias indígenas da Terra Indígena Katukina/Kaxinawá foram acometidos pela doença e, o nosso grande pesadelo, alguns anciãos morreram com a doença – devido a fortes chuvas no Acre, ocorreram enchentes em várias partes do estado, inclusive a aldeia Morada Nova ficou sob água por vários dias. Nesse contexto, era impossível realizar qualquer tipo de pesquisa acadêmica. As nossas cabeças estavam voltadas em nos livrar do vírus, por meio de medicinas produzidas por pajés Shanenawa, e tentando diminuir os estragos da enchente do rio Envira nas aldeias Shanenawa. Desse modo, somente consegui conversar com as professoras sobre a pesquisa-base desta dissertação em 2022, em que além de conversar com elas, tive a possibilidade de assistir a algumas de suas aulas, realizando as entrevistas de maneira sistemática em 2023.

As entrevistas com Yxãpanã, Maxi Fake e Sheki Teshke foi realizada em alguns lugares, tais como na escola após as aulas que ministravam e sentadas em cadeiras embaixo de árvores, caso de longas conversas que tive com Yxãpanã na sombra de árvores próximas às nossas casas na aldeia Morava Nova. Quanto a Maxi Fake e Sheki Teshke, eu fui até a aldeia Nova Vida em que aguardei o término de suas aulas para poder conversar com elas. Usamos os espaços da escola para a realização das entrevistas.

Juntamente com esses procedimentos, alguns trabalhos foram importantes para ações metodológicas tais como Baniwa (2006), Falcão (2019) e Shanenawa (2022), tanto no quesito das questões indígenas relativo à educação, quanto em relação ao Projeto Pedagógico/PP da escola de nossa aldeia na qual as sujeitas de minha pesquisa fazem parte e que Falcão (2019) discute com bastante propriedade. Ainda temos Shanenawa (2022) que tece considerações sobre o meu povo, o que me ajudou a discorrer sobre o cotidiano da aldeia que é tão conhecido por mim, mas que trouxe outras possibilidades de reflexões que, até então, eu não havia pensado.

2 Aspectos da história do povo Shanenawa

O patriarca Shanenawa Inácio Brandão narrou sobre as histórias Shanenawa a seus filhos Bruno Brandão, Moacir Brandão, Amaral Brandão, Militão Brandão e a suas netas Maria Iraci Brandão e Maria Juraci Brandão. Hoje, Militão Brandão, Amaral Brandão e Maria Juraci Brandão ainda mantêm e repassam as histórias de seus ancestrais às novas gerações Shanenawa que vão se construindo ao longo do tempo. Amaral Brandão mora na aldeia Shane Tatxa com seus filhos e netos. Moacir Brandão fundou a aldeia Nova Vida, mas faleceu, hoje seus filhos continuam morando na aldeia Nova Vida. Militão Brandão faleceu no dia 13 de junho de 2022 e Juraci Brandão, junto com seus esposo Manoel Carlos, já falecido, fundaram a aldeia Paredão. Esses anciãos relatam que os Shanenawa viviam em harmonia, com suas famílias, na floresta, longe dos contatos com não indígenas e livres das ameaças de comprometimento da saúde, da educação, das crenças, dos traços culturais, principalmente, produzindo conhecimentos por meio da língua materna² dos Shanenawa, o Nuke Tsây.

Com o passar do tempo, os anciãos Shanenawa mencionados afirmaram que passaram muitos momentos difíceis e ameaçadores, tendo em vista que tiveram contato com não indígenas, que migraram pelos rios e seus afluentes que estão presentes no Acre. Esses não indígenas vinham pelas cabeceiras dos rios peruanos e bolivianos, em busca de extração do látex da seringueira, do caucho, do couro de animais e de madeiras para exportarem para suas cidades, para outros estados e até para outros países, em benefícios próprios, destruindo as florestas e animais e ameaçando os povos com os quais tinham

² Apesar de considerarmos os problemas advindos do termo “língua materna”, aqui o mencionamos, meramente, para se afirmar a existência de uma língua que se relaciona a aspectos de ancestralidades Shanenawa e que de, alguma forma, ainda é falada por anciãos Shanenawa, embora esteja entrando em desuso devido à língua portuguesa (Shanenawa, 2022).

contato nessa região do estado Acre. Com o início da invasão dos territórios Shanenawa, não havia mais opção de ação do que fugir para outros territórios, tendo em vista que a força do não indígena era maior e, assim, os Shanenawa não conseguiam revidar o impedimento das invasões. Para os anciãos Shanenawa, eles foram obrigados a fugir para outros ambientes ou se render ao trabalho escravo imposto pelos não indígenas peruanos, bolivianos e brasileiros.

Além do contato desastroso com os não indígenas, os Shanenawa também tinham divergências com outros povos indígenas como os Yawanawa, que, segundo os anciãos, as contendas adviam de disputas por mulheres. Nesse sentido, os Shanenawa viviam nas cabeceiras do igarapé Paturi, afluente da margem esquerda do alto rio Gregório e após longas brigas com os Yawanawa, deslocaram-se em direção à cabeceira do rio Tarauacá, até chegar ao seringal Tamandaré no médio curso do rio Tarauacá, local em que se instalaram no início do século XX. Um dos exemplos de ancião que relata a história de contendas de pessoas Shanenawa com não indígenas e com outros povos indígenas é Bruno Brandão, importante liderança Shanenawa, que nasceu no Rio Tarauacá no ano de 1910, no seringal Tamandaré e faleceu em 2018 na aldeia Morada Nova. Por meio de Bruno Brandão e de outros anciãos citados nesta seção, jovens, mulheres e professores da aldeia relatam as histórias Shanenawa para as pessoas que buscam conhecer a história desse povo.

3 A educação escolar no povo Shanenawa

Na foto vinculada à Imagem 2, observa-se um momento em que se registra o que os professores Shanenawa consideram como um elemento da educação Shanenawa que tem relação com os conhecimentos advindos da caça, no contexto em que se refere à Imagem 2. Trata-se de um dos registros do primeiro intercâmbio das escolas Shanenawa na aldeia Shane Kaya, competições entre escolas de arco e de flecha.

Imagem 2 – Competição de Arco e Flecha das Escolas Shanenawa



Fonte: Matsiani Shanenawa

Em relação à educação formal dos Shanenawa, até a década de 1970, nenhum Shanenawa sabia ler e escrever em Nuke Tsãý e nem em português e também não sabiam contar, se se considerar o conhecimento de matemática advindo dos não indígenas, por isso, os anciãos Shanenawa consideram que todos os trabalhos de mão de obra dos Shanenawa que eram feitos para não indígenas eram burlados no que se refere a pagamentos pelas atividades realizadas e, assim, os Shanenawa eram facilmente enganados nas compras e vendas de mercadorias. Os não indígenas vendiam acima do preço do mercado para os Shanenawa. Alguns desses indígenas Shanenawa não receberam os pagamentos pelo trabalho realizado em cédulas de dinheiro, somente recebiam os seus pagamentos em mercadorias. O povo Shanenawa não conhecia seus direitos, mas sempre trabalhava em coletividade.

No início da década de 1970, quando surgiram as primeiras entidades indigenistas, uma delas filiada à igreja católica, como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI)³, que, no Acre, era representado pelo coordenador regional. Anselmo Forneck, funcionário do CIMI, desempenhou um papel fundamental de apoio aos Shanenawa da Morada Nova, primeira aldeia Shanenawa a ser fundada, quando os Shanenawa ainda reivindicavam a demarcação de território. Em 1979, os Shanenawa obtiveram apoio da comissão PRÓ-ÍNDIO do Acre (CPI/ACRE), que é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, fundada no ano de 1979. A partir daí, o povo Shanenawa começou a se unificar para reivindicar juntos a esses órgãos os seus direitos, mas,

³ O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) é um órgão vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB e foi criado de 1962, pelo bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia/MT, Pedro Casaldáliga, com o objetivo de lutar pelos direitos dos povos indígenas.

segundo os anciãos, sempre quem falava por eles eram os representantes desses órgãos, ou seja, os não indígenas⁴.

A primeira reivindicação que os Shanenawa fizeram aos órgãos mencionados foi a demarcação do território e, também, questões que envolviam educação, considerando que os anciãos, capitaneados pelos indigenistas que os Shanenawa já tinham sido muito enganados pelos não indígenas, por não saber ler, por não saber escrever e por não saber contar os números, o que significa que os Shanenawa precisavam estudar para aprender a ler, a escrever e a contar números para não serem mais enganados pelos não indígenas. Isso resultou, considerando que os Shanenawa ainda não tinham território demarcado e nem escola, os primeiros Shanenawa começarem a estudar em escolas não indígenas.

Em 1960, quando os primeiros anciãos chegaram no seringal Liége⁵ (na tentativa de escapar do trabalho escravo perpetrado por não indígenas), já existia a escola não indígena, que se chamava de Santa Catarina, que o ensino multisseriado de 1ª a 4ª série. Naquele tempo, se chamava de “grupo escolar” e não de escola, que na época era dominado pelos não indígenas. A terra indígena ainda não era demarcada, pois a maioria da terra em que hoje se concentra a aldeia Morada Nova pertencia à família de Neném Sena e Zé de Sousa.

Os professores dessa escola eram não indígenas, cujos professores eram Pil e Naziría. Foi na escola Santa Catarina, no seringal Liége, que começaram a estudar os Shanenawa⁶ como Hilda Nake, Maria Yaka, Iraci Pey Rani, Julião Taku, Militão Sayvayni, Manoel Sharahu, Cristovão, Amaral e Valdomiro, a aprender, em português, a ler, a escrever e a contar números. Além desses Shanenawa, ao longo do tempo, foram incorporados às turmas os indígenas Manoel Kaxinawa, Antonio Felix, Agostinho, Antonio Baixinho (o pastor Antônio), Bilmar, Marilda (a Maxi), Luzia, Albertilha (a Shatxi), Augusta, Alfanir, Rocilda e Nicolau, cuja entrada na escola coincidiu com o período em que a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) começou a fazer o estudo da demarcação do que, posteriormente, se chamaria de Terra Indígena Katukina/Kaxinawa.

⁴ Há diversas discussões referentes aos órgãos mencionados, contudo, estamos nos atendo ao fato da participação dessas entidades na construção do território Shanenawa.

⁵ Antes de se fixarem na atual aldeia Morada Nova, os Shanenawa se concentraram no seringal Liége que fica, assim como Morada Nova, às margens do rio Envira na cidade de Feijó, Acre.

⁶ Importante assinalar a ação dos órgãos indigenistas, frente aos Shanenawa, para convencê-los a estudar na então escola não indígena.

Em 1970, a escola continuava com o mesmo nome, Santa Catarina, no entanto o quadro de professores havia se modificado, sendo a maioria membros da família Costa: Zé Arteiro Costa, Anastácio Costa, Hélio Costa, Eudes Costa, Maria Costa e Liduina Costa. Em seguida, a escola obteve outros professores como Dondoca, Raimunda Campo e o Didi, sendo esses professores também não indígenas que se deslocavam da cidade de Feijó para lecionar no seringal Liége, além de outros professores não indígenas que moravam no próprio seringal Liége como Sebastião Severiano, Francisca de Oliveira e Raimundo Janari de Sousa que trabalhavam também com o Programa de alfabetização Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), além de lecionarem no ensino regular nas antigas turmas de 1ª à 4ª série.

Já com o processo de estudo da demarcação da terra, novos professores ainda não indígenas, como Alberto Medeiro e Júlio, começaram a trabalhar especificamente com os alunos Shanenawa; trabalharam com ensino multisseriado de 1ª a 4ª série; esses professores lecionaram para os Shanenawa até o ano de 1983. Após esse ano, entraram os primeiros professores Shanenawa, contratados pela prefeitura de Feijó para ensinar seus próprios parentes, sendo os primeiros Eni Carla (a Rosinha) e Antônio Ferreira Gomes Shanenawa, conhecido como “baixinho ou pastor Antônio”. Eni lecionava no antigo Jardim de Infância e Antônio na antiga 1ª série. Na época, não havia um espaço adequado para a escola, tendo em vista que a Santa Catarina estava lotada e, por isso, esses professores tiveram de trabalhar em um espaço cedido pela igreja católica São Francisco de Assis

No ano seguinte, o número de alunos Shanenawa aumentou: a professora Eni abriu uma sala de aula na sua própria casa no Seringal Liége, para trabalhar com os alunos de 1ª e 2ª série. Nessa época, o pastor Antônio não seguiu com a sua carreira de professor, preferiu seguir a vida religiosa como pastor. Conforme Antônio e principalmente Eni ensinavam, alguns Shanenawa foram contratados por entenderem um pouco de leitura e de escrita em Língua Portuguesa e sabiam um pouco da Matemática. Então, à medida que alguns Shanenawa aprendiam, tornavam-se “monitores” de seus próprios parentes na escola. No ano de 1984, a FUNAI efetuou a contratação de mais um monitor Shanenawa, o José Augusto Brandão, (essa contratação de professores de 1984 aconteceu em todo estado do Acre, com outros povos indígenas); nesse ano, a escola ainda continuava com o nome de Santa Catarina.

Passado o tempo, a terra indígena Katukina/Kaxinawa foi demarcada no final do ano de 1986 para o início de 1987 (Shanenawa, 2022), quando os não indígenas ficaram revoltados com os Shanenawa, tendo em vista a demarcação da terra e, por isso, a retirada deles do local, sendo que o espaço destinado aos Shanenawa se localiza a escola Santa Catarina. Essa escola tinha duas salas de aulas, um auditório, uma cozinha e um quarto para os professores, além de pilares de alvenaria, piso de alvenaria, cobertura de alumínio e um banheiro do lado de fora da escola. Como forma de retaliação, os não indígenas atearam fogo na escola Santa Catarina; o fogo consumiu grande parte da escola, só não queimou tudo, porque os Shanenawa chegaram em tempo e conseguiram controlar e apagar o fogo. Mesmo com boa parte da escola incendiada, ainda havia uma parte em que se poderia trabalhar. O auditório, a cozinha, as outras salas foram queimadas, mesmo assim os professores continuaram trabalhando, no espaço que o fogo não atingiu.

No início da década de 1990, a escola Santa Catarina estava bem deteriorada, não havia mais condição de trabalho. A FUNAI, que na época era responsável pela educação escolar indígena⁷ demoliu essa escola e construiu uma nova, registrando-a com o nome de Morada Nova, mesmo nome da primeira aldeia Shanenawa após a demarcação da terra, com duas salas de aula, uma cantina e um banheiro do lado de fora da escola. Quem ficou trabalhando na escola da aldeia Morada Nova com as turmas de 1ª a 4ª série foram os professores Eni Carla e José Augusto.

No ano de 1992, havia uma quantidade considerável de alunos Shanenawa que estava terminando os seus estudos na escola da aldeia, que só oferecia as séries de 1ª à 4ª. Para estudarem nas outras séries, os alunos tinham que ir para a escola da cidade de Feijó, tendo em vista que na escola da aldeia, os alunos precisavam de mais espaços na escola e de novos professores Shanenawa para trabalhar nas novas séries que seriam implantadas; a partir dessa demanda, que não era somente dos Shanenawa, houve o primeiro concurso público para professores indígenas oferecidos pelo governo do estado. Os professores Shanenawa que participaram do concurso foram: Inácio Brandão da aldeia Shanenawa, Manoel Pereira da aldeia Morada Nova, Auricélio da Aldeia Morada Nova, Francisco Alberto (o Chiquinho) da Aldeia Cardoso, mas hoje mora em Rio

⁷ Até a década de 1991, a educação escolar indígena no Brasil era de responsabilidade da FUNAI. Após esse ano, a responsabilidade pela administração da educação indígena passou a ser do Ministério da Educação (MEC). Assim, o MEC passou a ser responsável pela educação escolar indígena para o governo do Estado e para as prefeituras de todo o Brasil.

Branco/AC e o Francisco de Assis Batista Brandão Katukina (o Chico Orelha) da aldeia Nova Vida. Esses professores passaram no concurso e ficaram trabalhando na escola da aldeia Morada Nova, ainda com as turmas de 1ª à 4ª série.

Em 1998, aumentou ainda mais a quantidade de alunos Shanenawa, que estavam terminando a 4ª série e migrando para cidade, por falta de oferta das séries de 5ª a 8ª na escola da aldeia. A escola não tinha mais espaço suficiente para a quantidade de alunos que estavam matriculados, foi quando Jorge Viana foi eleito para governo do estado do Acre e o povo Shanenawa teve a oportunidade de dialogar com o governo do estado, em que reivindicaram a construção de uma nova escola para a aldeia Morada Nova.

Essa escola foi construída em que o professor Auricélio que também passou no concurso público em 1992, comentado anteriormente, que trabalhou na aldeia Formoso, passou alguns anos lecionando para os Huni Kuin (cuja parte do povo divide a Terra Indígena Katukina/Kaxinawa com os Shanenawa) e, depois, retornou para trabalhar na nova escola da aldeia Morada Nova. Entendemos que para os professores, trabalhar nessa escola, a da aldeia Morada Nova com uma estrutura considerada melhor do que as escolas de antes, foi importante devido ao sonho que tinham de ter educação escolar formal na aldeia Morada Nova.

O sonho que se intensificou com a ideia de poder trabalhar com os aspectos culturais na nova escola Shanenawa tem relação com o que Krenak afirma: “o sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho”. (Krenak, 2019, p. 32).

3.1 A escola Tekahayne Shanenawa da aldeia Morada Nova

Imagem 3 – Escola Tekahayne Shanenawa



Fonte: Ramom Aquim

A imagem apresentada na Imagem 3 acima registra a escola Tekahayne Shanenawa que está localizada na aldeia Morada Nova. Essa escola funciona nos horários matutino, vespertino e noturno, do Ensino Infantil até o Ensino Médio.

Essa escola começou a ser construída em 2005 (inaugurada no mesmo ano) e tem cinco salas de aula, um auditório, uma cozinha e dois banheiros, cobertura com telha ecológica, parede de madeira. O nome da escola é referência em homenagem ao patriarca do povo Shanenawa Tekahayne Shanenawa (Inácio Brandão). Em 2006, começou o trabalho nessa escola em que os professores, juntamente com a comunidade Shanenawa (cacique, agente indígena de saneamento básico, parteiras, pajé, os mais velhos, mães e pais dos alunos etc.) e a CEI/SEE (Coordenação da Educação Escolar Indígena da Secretaria de Educação do Estado do Acre) desenvolveram o projeto Político Pedagógico Shanenawa (somente em 2011) para implantar os ensinos de 6º ao 9º ano, na escola Tekahayne Shanenawa. Segundo alguns Shanenawa, ter todas as séries na escola da aldeia evita violência, estupros, drogas, alcoolismo, prostituição, preconceitos e discriminação e a criminalidade a que os alunos Shanenawa estão/estavam vulneráveis, frequentando as escolas da cidade.

Os alunos que frequentavam a cidade para estudar tinham muitas dificuldades de transportes para chegar até a escola não indígena; o caminho da escola para a cidade eram em dois trajetos: um por terra passando por debaixo dos mangueirais até chegar à cidade, sem iluminação alguma. A outra forma era de barco a remo; outrora, não havia

motor ou “rabeta”, muito menos condição de comprar um motor, como hoje alguns Shanenawa têm, o que deixa os trajetos de ida e vinda para a cidade mais rápidos.

Com a construção da nova escola, segundo alguns Shanenawa, ficou mais “fácil” para os alunos Shanenawa estudarem. Com o Ensino Fundamental, de 6º ao 9º ano, na própria aldeia, surgiu a oportunidade de ingressar novos professores Shanenawa para trabalharem em salas de aulas com esses alunos. A escola Tekahayne Shanenawa tem diretora, coordenador administrativo, secretário e coordenador de ensino, todos trabalham com portaria da SEE. Em 2014, a escola Tekahayne Shanenawa começou com uma nova demanda para a implantação do Ensino Médio para os estudantes Shanenawa que terminavam o Ensino Fundamental II, e, na ocasião, os pais não queriam permitir a ida para a cidade com medo de seus filhos sofrerem problemas, dentre eles, muitas ações oriundas de preconceitos (dentre outras questões apontadas anteriormente). Mesmo a escola sendo apenas de Ensino Fundamental I e II, a comunidade fez um documento reivindicando a implantação do Ensino Médio na escola Tekahayne Shanenawa e foram atendidos pela SEE. A esse respeito Barros (1997) afirma:

A necessidade da educação escolar, admitida e reivindicada pelos povos indígenas, provém do sistema multiétnico (...). A educação indígena diferenciada, do ponto de vista dos indígenas, é um instrumento de resistência e luta. Assim sendo, não é compatível com a escola como terra estrangeira (BARROS, 1997, p. 30).

Em conexão com o excerto de Barros, o povo Shanenawa tem suas necessidades e reivindicou um ensino de qualidade e diferenciado na educação escolar indígena, na qual os professores são uma das peças fundamentais da comunidade para fazer essa diferença na escola, junto com os pais. Os alunos começaram a cursar o Ensino Médio no período da noite, sendo os seus professores os indígenas Shanenawa que estavam cursando Ensino Superior em Cruzeiro do Sul e Feijó. Foram abertas novas vagas para o 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Em 2018, foi feita a primeira reforma da escola Tekahayne Shanenawa desde a sua construção em 2005: trocaram a cobertura de telha ecológica e cobriram a escola com zinco, antes da reforma os “barrotes” eram de madeira e então colocaram “barrotes” de alvenaria.

A escola dispõe ao todo de dezenove (19) professores em sala de aula, alguns já formados com algum curso superior nas áreas de Linguagem e Arte, Matemática e Ciências da Natureza, outros formados em Magistério Indígena, bem como, no ano de

2019, alguns professores se formaram em Pedagogia e em Licenciatura em Geografia. Atualmente, há apenas um professor em sala de aula com Ensino Médio.

Na escola, os professores Shanenawa trabalham com as seguintes disciplinas: Artes (*Meninipa*), Religião (*Iripã Tsãy*), Educação Física (*Shushuy Kaysati*), Matemática (*Tanãwãti*), Português (*Nãwã Tsãy*), Língua Shanenawa (*Nukẽ tsãy*), Língua Espanhola (*Nawa Wetsa Hu Tsãy*), Língua Inglesa (*Nawa Wetsa Hu Tsãy*), Geografia (*May Rakakayna*), História (*Shenihu*), Ciências (*Nukẽ Xinã*), Biologia, Química, Física, Filosofia e Sociologia⁸. No total, atualmente, são cento e sessenta e cinco (165) alunos matriculados, nas modalidades do Ensino Infantil ao Ensino Médio. No ano de 2022, a escola Tekahayne Shanenawa estava com a seguinte equipe gestora: a Diretora Edileuda Gomes de Araujó Shanenawa, o Coordenador Administrativo Cileudo Gomes de Araujo Shanenawa, o Coordenador de Ensino Auricélio Batista Brandão e o Secretário Cosmo da Silva Brandão Shanenawa, contudo, alguns professores, para algumas disciplinas, no momento de confecção dos Quadros 1, 2 e 3⁹, a seguir, não haviam sido contratados.

Atualmente, a escola funciona em três períodos: manhã, tarde e noite, sendo a escola Tekahayne Shanenawa organizada por área de conhecimentos e conseqüentemente com as turmas que os professores atuam e suas disciplinas como mostra os quadros abaixo:

**Quadro 1 – Lista de Professores da Escola Tekahayne Shanenawa
Anos iniciais**

ÁREA DE CONHECIMENTO	DISCIPLINA	ANOS INICIAIS	Turmas
		PROFESSOR (A)	
LINGUAGENS	Língua Portuguesa (<i>Nãwã Tsãy</i>)	FRANCISCA ANDRÉA DE MELO BRANDÃO SHANENAWA	Pré-escola I
	Língua Shanenawa (<i>Nukẽ Tsãy</i>)	IRACILDA GOMES DE ARAÚJO SHANENAWA	Pré-escola II
	Artes (<i>Meninipa</i>)	MARIA VALDERLENE DE SOUSA BRANDÃO	1º e 2º ano
	Educação Física (<i>Shushuy Kaysati</i>)	MARIA FRANCISCA GADELHA DA SILVA	3º ano I

⁸ Os nomes dos componentes curriculares em Nuke Tsãy foram dados pelos anciãos que participaram da formulação do Projeto Pedagógico da escola, contudo, para os mesmos anciãos, disciplinas como Biologia, Química, Física, Filosofia e Sociologia ainda, não no momento em que o Projeto foi construído, teriam termos correspondentes em Nuke Tsãy.

⁹ No momento, houve modificações no quadro de professoras e de professores na Escola Tekahayne.

MATEMÁTICA	Matemática (<i>Tanāwāti</i>)	COSMO DA SILVA BRANDÃO SHANENAWA	4º ano
ENSINO RELIGIOSO	Ensino Religioso (<i>Iripā Tsāy</i>)	MARIA ABIJICELIA BRANDÃO DA SILVA SHANENAWA	5º ano
CIÊNCIAS DA NATUREZA	Ciências (<i>Nukē xinā</i>)		
CIÊNCIAS HUMANAS	História (<i>Shanihu</i>)		
	Geografia (<i>May rakakayna</i>)		

Fonte: elaborado pelos autores

Quadro 2 – Lista de Professores da Escola Tekahayne Shanenawa do 6º ao 9º ano

ÁREA DE CONHECIMENTO	DISCIPLINA	6º ao 9º ano
		PROFESSOR (A)
LINGUAGENS	Língua Portuguesa (<i>Nāwā Tsāy</i>)	Albercilda Gomes Brandão da Silva Shanenawa
	Língua Shanenawa (<i>Nukē Tsāy</i>)	Cleudes Gomes de Araújo Shanenawa
	Língua Estrangeira/Espanhol (<i>Nawa Wetsa Hu Tsāy</i>)	Albercilda Gomes Brandão da Silva Shanenawa
	Artes (<i>Meninipa</i>)	Albercilda Gomes Brandão da Silva Shanenawa
	Educação Física (<i>Shushuy Kaysati</i>)	Cleudes Gomes de Araújo Shanenawa
MATEMÁTICA	Matemática (<i>Tanāwāti</i>)	
CIÊNCIAS DA NATUREZA	Ciências (<i>Nukē Xinā</i>)	Damião da Silva Brandão Shanenawa
CIÊNCIAS HUMANAS	História (<i>Shenihu</i>)	Aldecildo Brandão Katukina
	Geografia (<i>May Rakakayna</i>)	Aldecildo Brandão Katukina
ENSINO RELIGIOSO	Ensino Religioso (<i>Iripā Tsāy</i>)	Damião da Silva Brandão Shanenawa

Fonte: elaborado pelos autores

Quadro 3 – Lista de Professores da Escola Tekahayne Shanenawa

Ensino Médio

ÁREAS DO CONHECIMENTO	DISCIPLINA	ENSINO MEDIO
		PROFESSOR (A)
LINGUAGENS	Língua Portuguesa (<i>Nāwā Tsāy</i>)	ALBERCIA BRANDÃO DE ARAÚJO
	Língua Shanenawa (<i>Nukē tsāy</i>)	
	Língua Estrangeira/Espanhol (<i>Nawa Wetsa Hu Tsāy</i>)	
	Língua Estrangeira/Inglês (<i>Nawa Wetsa Hu Tsāy</i>)	
	Educação Física (<i>Shushuy Kaysati</i>)	
	Artes (<i>Meninipa</i>)	
MATEMÁTICA	Matemática (<i>Tanāwāti</i>)	PEDRO SILVINO SHANENAWA
CIÊNCIAS DA NATUREZA	Biologia	
	Química	
	Física	PEDRO SILVINO SHANENAWA
CIÊNCIAS HUMANAS	História (<i>Shenihu</i>)	
	Geografia (<i>May Rakakayna</i>)	
	Filosofia	
	Sociologia	

Fonte: elaborado pela autores

A partir das informações presentes neste artigo e, também, em relação aos Quadros 1, 2 e 3, destacamos que o povo Shanenawa é fruto de uma forte resistência para se manter vivo diante das imposições socioculturais e linguísticas dos não indígenas e, no tocante à questão escolar, das políticas não indígenas do país que são implantadas nas terras indígenas pelo Brasil. Nesse sentido, é possível visualizar nos Quadros 1, 2 e 3 que a estrutura curricular obrigatória da escola Tekahayne Shanenawa segue o que é implantado pela SEE/AC, a partir do que é obrigatório de legislações federais vigentes. Mesmo assim, os professores Shanenawa produzem, a todo momento, dialogar com o

Estado no sentido de ser possível fazer uma educação que se entede que seja melhor para o povo e que atenda às necessidades dos Shanenawa.

4 Considerações finais

Os Shanenawa hoje são os resultados das lutas por território, por formas de produção de identidades, por construção de saberes, historicamente adquiridos, mas que foram subtraídos por forças colonizadoras, inclusive tiveram subtraídas suas formas de saberes e de educação e, nesse sentido, em relação à educação formal na contemporaneidade.

A escola Shanenawa, que como foi visto neste artigo, passou por enlaces desde ideologias coloniais não indígenas até a versões Shanenawa de escolas que culminou com a Escola Tekahayne na aldeia Morada Nova, hoje é considerada um espaço educacional que atende às necessidades educacionais dos Shanenawa, no que se refere à educação formal, mas também é um elo entre as pessoas Shanenawa e a produção de sentidos em torno de saberes produzidos pelas anciãs e pelos anciãos e, também, pelos novos saberes que são construídos contemporaneamente pelas novas gerações de indígena Shanenawa em que a escola Tekahayne discute, produz e promove o festival Matxu (Barbosa, Shanenawa, Souza, 2024), por exemplo, como uma marca atual da celebração dos saberes Shanenawa.

Nesse sentido, as histórias são narradas pela construção de formas de pensamento que tão pouco conheciam as realidades Shanenawa. Por isso, este trabalho, assim como outros produtos de pesquisa advindos de pesquisadoras e de pesquisadores Shanenawa (Shanenawa, 2022, Barbosa, 2022, Shanenawa, 2024), são possibilidades de registros de narrativas produzidas por pessoas Shanenawa, no caso deste trabalho, de anciãos Shanenawa, preocupados com educação do seu povo, tendo em vista que os Shanenawa, como outros povos, foram vistos e tiveram suas histórias e formas de vivência narradas por pessoas não indígenas. Entedemos que se faz o momento para reverter essa questão histórica.

Desde que os Shanenawa tiveram necessidade de aprender a escrita, outras línguas, como o português, e a contar números, hoje muitas sujeitas e muitos sujeitos Shanenawa conseguem escrever e a contar números e, além disso, possuem formação

universitária que os ajudam a pensar o estudo dos saberes do povo em contexto escolar formal Shanenawa.

Referências

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BARROS, Edir. Reflexões sobre a educação escolar indígena na conjuntura atual. In: MATO GROSSO. Secretaria de Estado da Educação. **Urucum, jenipapo e giz: a educação escolar indígena em debate**. Cuiabá: Entrelinhas, 1997.

BARBOSA, Edilene Machado. **Os saberes das parteiras e das mulheres pajés na aldeia Morada Nova do povo Shanenawa (Terra Indígena Katukina/Kaxinawá) em Feijó/AC: linguagens e produções identitárias**. 2022, 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Rio Branco, 2022.

BARBOSA (PAKAKURU), Edilene Machado; SHANENAWA (PURUMÃ), Eldo Carlos Gomes Barbosa; SOUZA, Shelton Lima. Matxu e Atsa: produção de sentidos sobre alimentação Shanenawa na aldeia Morada Nova na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa. **Jamaxi**, v. 7, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/7669>. Acesso em: 1 jul. 2024.

FALCÃO, Francisco Charles Fernandes. **Projeto político-pedagógico Shanenawa: saberes, fazeres e práticas discursivas**. 2019. 135 folhas. Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós- Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Rio Branco, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideia para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SHANENAWA, Eldo Carlos Gomes Barbosa. **“Os mais novos não falam o Nuke Tsây, querem ser não indígenas”**: usos linguísticos e possibilidades de (re)existência linguísticas do povo Shanenawa da terra Indígena Katukina/Kaxinawa (Aldeia Morada Nova). 2022, 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Rio Branco, 2022.

SHANENAWA, Maria Abijicélia Brandão da Silva. **Saberes, trajetórias e práticas pedagógicas de professoras Shanenawa**. 2024, 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Rio Branco, 2024.